

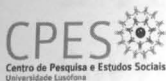
Mendes Correia

1888-1960

Coordenação de
Ana Cristina Martins



entre a ciência, a docência e a política



Título

Mendes Correia (1888-1960),
entre a ciência, a docência e a política

Coordenação

Ana Cristina Martins

Autores

AAVV

Produção editorial

Vítor Escudero

Capa

Mendes Correia, fotografado no Outono de 1955,
aquando da exploração da jazida solutrense do
Monte da Fainha (Evoramonte).
Imagem cedida por João Luís Cardoso

Edição

ACD Editores

Design Gráfico

Paula Coelho Dias

Impressão

António Coelho Dias, S.A.

ISBN: 978-972-8855-64-2

Dep. Legal: 344242/12

O Professor Mendes Corrêa (1888-1960) e a arqueologia portuguesa: breve síntese

João Luís Cardoso¹

O Prof. Doutor António Augusto Esteves Mendes Corrêa, de seu nome completo, nasceu no Porto, a 4 de Abril de 1888 e faleceu em Lisboa, a 7 de Janeiro de 1960. Pode dizer-se que o essencial da sua actividade científico-literária abarcou um período de cerca de 50 anos, entre os inícios da década de 1910 e o final da década de 1950 (Cardoso, 1999). Sendo uma das personalidades mais marcantes da Universidade Portuguesa, entendia a investigação em Antropologia de uma forma alargada, tanto no âmbito da Antropologia física do Homem Actual e do Homem Fóssil, quer nos estudos sobre a sua respectiva cultura material, representada pelos testemunhos conservados; daí que o seu nome surja desde cedo relacionado com investigações arqueológicas, por si levadas a cabo ou patrocinadas, a que agregou colaboradores seus, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; nos últimos anos da sua actividade científica apoiou, no âmbito de Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (fundação do Instituto de Alta Cultura), que dirigia, investigações de múltiplos arqueólogos, tanto do ponto de vista institucional como financeiro, que encontravam na sua figura tutelar firme apoio aos estudos que pretendiam levar a cabo, desde trabalhos no terreno, até à publicação dos respectivos resultados; sempre as páginas da revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, a que presidiu por longos anos, se encontraram à disposição de todos. Mendes Corrêa entendia o campo científico da Antropologia como reflexo da variedade e diversidade da própria natureza humana. Abarcava, desta forma, conhecimentos de Biologia, Zoologia, Anatomia, Fisiologia, Bioquímica, Medicina, Psicologia, Sociologia, Arte, História, Arqueologia e Geografia, entre outras áreas científicas (Monteiro, 1959). A Arqueologia surge, deste modo, no campo complexo da dimensão cultural do Homem, assim se compreendendo os contributos que se lhe ficaram a dever em tal domínio, espelhados em duas das suas obras maiores: “Os Povos Primitivos da Lusitânia”, síntese notável onde integra um vasto conjunto de conhecimentos desde a geologia e a geografia, até à paleontologia, ainda hoje de consulta proveitosa, publicada

¹ Professor catedrático da Universidade Aberta. Investigador do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

em 1924, a que se seguiu, em 1928, o capítulo da História de Portugal dirigida por Damião Peres, “A Lusitânia pré-romana”.

Admitia Mendes Corrêa que, para se compreender a Pátria requeria-se, primeiro, o conhecimento de realidades que só a investigação científica poderia desvendar. Segundo Mendes Corrêa, se a Antropologia Física foi susceptível de conduzir à demonstração da natureza mais profunda do povo português – para cuja caracterização, de acordo com os critérios vigentes, ele em muito contribuiu – só a Arqueologia seria capaz de conferir estatuto cultural a tal realidade. Porém, jamais foram determinantes no pensamento de Mendes Corrêa doutrinas favoráveis a um nacionalismo exacerbado tão em voga na Europa do seu tempo. Pelo contrário, defendeu, quase desde o início da sua brilhante carreira científica, a integração da população portuguesa num bloco que abarcava o Norte de África, encontrando afinidades especiais com os actuais berberes. Em 1919, acabado de ingressar como Sócio



Fig. 1. Mendes Corrêa com 30 anos (Processo Individual, Academia das Ciências de Lisboa).

Correspondente na Academia das Ciências de Lisboa, perfeitos apenas 30 anos (Fig.1), admitia que as raízes do povo português mergulhavam no Neolítico, atribuindo-as aos construtores dos dólmenes que eram então invocados por insuspeitos arqueólogos, como Bosch-Gimpera, como uma marca identitária do actual território português (Corrêa, 1919a; 1919b).

“O passado não morreu. A ciência arqueológica e as leis da hereditariedade permitem-nos concluir que ele não se extinguiu de todo, que dele flui, no presente e em nós próprios, um esforço incessante de vida, uma energia inextinguível de luminosa continuidade criadora. Os mortos dos dólmenes e das necrópoles, os íncolas das citânias e das

vilas, os heróis da Reconquista Cristã e das naus da Descoberta, estão connosco, ressurgem em todas as horas triunfais da Pátria” (Corrêa, 1938, pág. 260). Mendes Corrêa encontrava-se então no auge da sua pujança e vigor, época que coincidiu com importante intervenção na vida pública nacional (Fig. 2).

Se as explorações do Homem terciário não foram à medida das suas expectativas iniciais (Corrêa, 1926; Corrêa, 1928), já as escavações que empreendeu nos

concheiros de Muge foram coroadas de êxito. Elas correspondem ao culminar das actividades arqueológicas de campo de Mendes Corrêa, vencida a vontade de M. Heleno que, também ali, pretendia efectuar escavações “sem ideias preconcebidas”, manifestada em 1932 e inícios de 1933, já depois de iniciadas as do primeiro, com o argumento de o Museu Etnológico ainda não possuir materiais ilustrativos dessa época. A alusão, não inocente, a “ideias preconcebidas” referia-se às afinidades negróides e australóides invocadas por Mendes Corrêa, para os antigos povoadores dos concheiros. Assim, não espanta que M. Heleno pretendesse convidar Henri Vallois, forte opositor daquela doutrina, para estudar o material antropológico que recolhesse, no



Fig. 2. Mendes Corrêa no apogeu da sua actividade, na década de 1940 (arquivo do Doutor O. da Veiga Ferreira).

que foi duramente criticado por antropólogos portugueses. O epílogo desta tentativa de Heleno inferiorizar o trabalho de Mendes Corrêa, foi dado pelo próprio Vallois, ao escrever uma carta a Mendes Corrêa, por este publicada, desdramatizando as divergências entre ambos (cf. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 6 (1), p. 55-57). Graças à sua capacidade de relacionamento nos meios nacional e internacional, Mendes Corrêa conseguiu neutralizar a pretensão de Heleno para assumir a direcção das escavações naqueles míticos lugares da Arqueologia portuguesa. Com efeito, o projecto de Mendes Corrêa encontrava-se suportado, desde há anos, por trabalhos que vinha regularmente publicando: já em 1917, com base nos estudos antropológicos dos materiais exumados no século XIX por Carlos Ribeiro e Paula e Oliveira, tinha negado a descendência da actual população portuguesa do grupo mesolítico dos concheiros de Muge; em 1919, declarava, numa obra seminal publicada em Portugal e em prestigiada revista internacional, ambas já anteriormente citadas (Corrêa, 1919a; 1919b): “Os selvagens de Muge seriam populações pacíficas, sedentárias, miseráveis, vivendo da caça e da pesca, num grande atraso cultural”; incluindo-se “num grupo de raças inferiores, australoides ou proto-etíopicas, de origem equatorial provável, o que concorda com o roteiro da civiliza-

ção tardenoisense”. Esta teoria, que fazia a Península Ibérica como local de destino de populações epipaleolíticas e mesolíticas norte-africanas, tal como era apresentada por grandes pré-historiadores da época, como Obermaier e Bosch-Gimpera, foi mais tarde justamente refutada Heleno. Este, com base nas escavações que na década de 1930 veio a desenvolver na região de Rio Maior, admitiu (ainda que abusivamente) a filiação directa das indústrias de mesolíticas de Muge nas produções líticas do Paleolítico Superior da região de Rio Maior, as quais, no entanto, à data dos primeiros escritos de Mendes Corrêa, eram ainda de evidente cunho europeu, desconhecidas. Assim se explica a célebre designação de *Homo afer taganus*, para o íncola de Muge, dado que, segundo Mendes Corrêa, entre as três grandes áreas geográficas onde se reconheceram características rácicas particulares à espécie humana: a Europa, a Ásia e a África, era com as populações deste continente que as de Muge maiores semelhanças evidenciavam, reportando-se especialmente ao tipo dolicocefalo, ali largamente dominante. Contudo, não deixou de sublinhar a importância da identificação de raros crânios braquicefalos nas colecções dos Serviços Geológicos de Portugal (Corrêa, 1923), os quais, conjuntamente com os de Ofnet (Baviera), constituíam os exemplares europeus mais antigos então conhecidos. Tratava-se sem dúvida de um incentivo adicional e de uma justificação, para o desejo de vir a realizar em Muge trabalhos de campo.

O primeiro ciclo das escavações ali dirigidas por Mendes Corrêa desenrolou-se no concheiro do Cabeço de Amoreira, que tinha sido apenas objecto de sondagens muito limitadas no Século XIX (Cardoso & Rolão, 1999/2000). Ali se efectuaram as campanhas de 4 a 23 de Agosto de 1930 e de 29 de Setembro a 2 de Outubro do mesmo ano, de modo aos participantes do XV Congresso de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica poderem apreciar a estação em curso de exploração.

No ano seguinte, as escavações efectuaram-se entre 29 de Julho e 21 de Agosto de 1931, depois entre 7 e 28 de Agosto de 1933 e, finalmente, em Agosto e Setembro de 1937; neste último ano, as investigações interessaram o concheiro do Cabeço da Arruda (Corrêa, 1951a). Três cadernos de campo a que se teve acesso, adquiridos aquando da venda da biblioteca de Mendes Corrêa na década de 1960 e que actualmente integram o Arquivo do Doutor O. da Veiga Ferreira: um de 1930; outro de 1930/1931/1933; e o último de 1937, mostram que, tanto Rui de Serpa Pinto, falecido em 1933, em pleno vigor da sua produção científica, como J. R. dos Santos Júnior, que mais tarde veio a suceder a Mendes Corrêa na cátedra, participaram activamente nestas escavações.

A comunicação apresentada à XV Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, em 1931 incluía já algumas obser-



Fig. 3. Mendes Corrêa observando a escavação de um esqueleto humano no concheiro da Moita do Sebastião, a 14 de Junho de 1952 (Cardoso, 2010/2011).

vações com base no material por si exumado; referindo-se à presença de crânios braquicéfalos, que Vallois, um ano antes constestara, declarou: “mantenho até nova ordem os pontos de vista que em diversas ocasiões exprimi e que os novos dados vêm reforçar” (Corrêa, 1933). Ainda sobre os resultados daquelas campanhas é o trabalho publicado na Revista da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em 1934, no qual, além de reiterar as suas ideias de sempre sobre a posição das populações dos concheiros de Muge, procurou estabelecer uma sequência para a ocupação dos concheiros, com base na tipologia das produções líticas (Corrêa, 1934). Assim, a predominância de triângulos no Cabeço da Amoreira e dos trapézios no Cabeço da Arruda – e a presença de *Natica hebraea*, unicamente presente no Cabeço da Amoreira, actualmente desaparecida do território português, espécie indicadora de águas mais quentes que as actuais, levou-o a considerar este concheiro mais antigo que o do Cabeço da Arruda. Tais conclusões tinham sido, aliás, já apresentadas em 1932 por Rui de Serpa Pinto, a quem estaria destinado, por certo, a parte mais importante da publicação dos resultados, infelizmente prejudicada pela sua morte prematura, e o envolvimento a partir dessa data de Santos Júnior na etnologia e na arqueologia

das colónias portuguesas. Em 1936, sob o expressivo título “A propósito do *Homo taganus* Africanos em Portugal”, Mendes Corrêa, ao rejeitar a relação genética dos portugueses actuais com os negros, antes os incluindo “sem hesitações no bloco dos Europeus em geral” negava, também, a descendência directa daqueles a partir das populações de Muge, conclusão confirmada pelo estudo antropológicos dos dois conjuntos, embora admitisse que um contributo genético destas, por pequeno que fosse, pudesse estar presente no património dos actuais portugueses (Corrêa, 1936). Manteve estas e outras conclusões, ainda que sem acrescentar novos dados, já na plena maturidade da vida: disso é exemplo o trabalho publicado em 1941, tinha já 53 anos (Corrêa, 1941).

Dez anos volvidos, (Corrêa, 1951a), reafirmou o essencial do que, já em 1919, fazia já parte da sua doutrina, depois de ver confirmada a presença de braquicéfalos em Muge por Augusto Ataíde (Ataíde, 1940) com base no estudo de um crânio do Cabeço da Arruda, oriundo das suas escavações da década de 1930. Tal presença foi também identificada por Denise Ferembach (1974), ao estudar o conjunto recolhido no concheiro de Moita do Sebastião. Ao contrário, as afinidades negróides ou etiópicas, tão propaladas décadas atrás, não foram de facto identificadas pela investigadora francesa entre a população daquele concheiro: ao Homem de Muge foi atribuído caracteres protomediterrâneos, onde os cromagnóides também ocorrem, correspondentes a indivíduos de menor tamanho e mais gráceis que as formas clássicas do Paleolítico Superior francês; mestiços entre ambos os morfotipos, acompanhados de alguns alpinos, completam o quadro definido (Ferembach, 1974, p. 135). Ainda assim, não poderá dizer-se que Mendes Corrêa preferiu morrer abraçado à sua teoria de sempre que, por certo, de há muito já suspeitaria ser errónea: assim, em 1956, antecedendo portanto o estudo de Ferembach, ao estudar 5 crânios da Moita do Sebastião, exumados nas escavações da década de 1950 realizadas por O. da Veiga Ferreira e J. Roche naquele concheiro, admitiu a possibilidade da população de Muge poder integrar-se na raça mediterrânea actual e, por acréscimo, no seio dos modernos portugueses, sem deixar de salientar a necessidade de continuar a investigar o assunto (Corrêa, 1956).

As escavações realizadas na década de 1950 nos concheiros de Muge, só possíveis pelo patrocínio de Mendes Corrêa, através do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, anexo à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, constituem um bom exemplo do apoio que, na última fase da sua vida, concedeu a muitos arqueólogos que ali encontraram um porto de abrigo para a prossecução dos seus estudos. Além de J. Roche e de O. da Veiga Ferreira, quase todos os arqueólogos que despertaram para a Arqueologia em Portugal, na década de 1950, beneficia-

ram da sua ajuda, tanto financeira como, tão ou mais importante, de carácter institucional: é o caso do Prof. Fernando de Almeida, cujo arranque das escavações na Egitânia se deveu exclusivamente ao patrocínio concedido por aquele Centro, de Abel Viana, que sempre encontrou na figura de Mendes Corrêa protecção e apoio face à postura hostil de Manuel Heleno, de E. da Cunha Serrão e de E. Prescott Vicente, nas suas explorações de Olelas e da Parede, prosseguidas pelo primeiro no concelho de Sesimbra, e de Camarate França, entre outros arqueólogos que, desamparados de tais apoios, pouco ou nada poderiam ter concretizado. É ainda o caso das explorações na jazida solutrense do Monte da Fainha (Évora-monte), onde se deixou fotografar, em Dezembro de 1955 (Fig. 4), no decurso dos trabalhos empreendidos em colaboração com Camarate França. Os materiais então exumados podem hoje observar-se no Museu da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, estranhamente, não foram incluído aquando da publicação dos materiais recolhidos por outrem (Roche, Ribeiro & Vaultier, 1968). Assim se revelava a alma afectuosa e comunicativa, aliada a uma grande disponibilidade e a um espírito prático, de experiência feito. Como

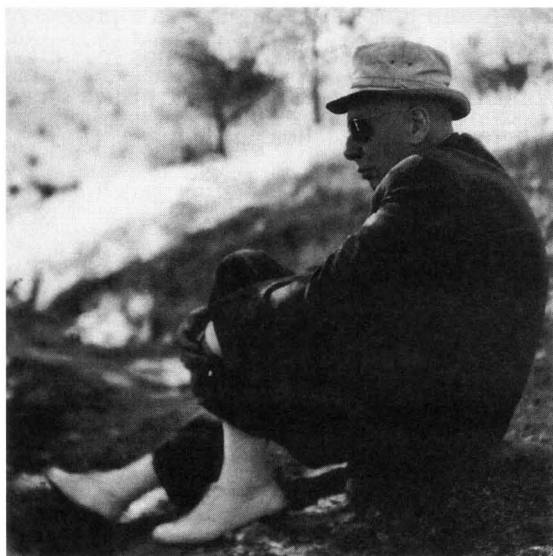


Fig. 4. Mendes Corrêa aquando das explorações da jazida solutrense de Monte da Fainha (Evoramonte), a 9 de Dezembro de 1955 (Cardoso, 2008).

a todos aqueles a quem a *praxis* legitimou o tratamento de Mestre, o seu efectivo poder e influência institucional e política, foram sempre canalizados em prol do bem comum, acompanhando os progressos dos que acolhia no seu Centro com uma notável humildade científica, sem nada pedir em troca, a não ser trabalho sério e honesto. Como ele próprio declarou, em 1951, “um dos traços que considero mais indispensáveis na personalidade do homem de ciência é o acolhimento, o estímulo, o auxílio, a simpatia para com os novos. Eu, que na minha vida, conheci alguns velhos, avarentos do saber e da glória, que ocultavam informações, documentos, livros, aos jovens que os procuravam [...], sinto ufania em, no meu restrito, modesto, campo de acção, ter seguido sempre caminho diverso. A consciência poderia acusar-me de ter estimulado e apoiado, por engano, quem não correspondesse à minha boa vontade.

Nunca me acusará de ter intencionalmente fechado o caminho a um jovem” (Corrêa, 1951b, p. 80). E é esta posição eminentemente ética que convém sublinhar, pois ela é independente dos tempos e dos regimes, encontrando-se sublimada pelas palavras do nosso homenageado proferidas por um seu discípulo dilecto, o Prof. Carlos Teixeira, em 1962, aquando da tomada de posse, na Academia das Ciências de Lisboa, da cadeira que lhe pertencera:

“Um homem vale, acima de tudo, pelos serviços que presta à colectividade. Uma Pátria honra-se pelos serviços que presta à civilização e à Humanidade sem prejuízo e até com afirmação da sua individualidade nacional vinda de fundas raízes. Assim uma pátria dignificada e próspera tem de se manifestar principalmente nas suas instituições de cultura, nos seus organismos de assistência, de higiene, de solidariedade, nas suas normas de justiça social e na sua vontade de concorrer para o progresso e para a felicidade humana” (*in* Teixeira, 1964, p. 19).

Fontes e bibliografia

- ATAÍDE, A. (1940) – Novos Esqueletos Humanos dos Concheiros Mesolíticos de Muge. *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal (Congresso do Mundo Português, I Congresso)*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, 1, p. 627-651.
- CARDOSO, J. L. (1999) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 8, p. 138-156.
- CARDOSO, J. L. & ROLÃO, J. M. (1999/2000) – Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 83-240.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série III, 2, p. 229-297.
- CORRÊA, A. A. M. (1919a) – Origins of the Portuguese. *American Journal of Physical Anthropology*. 2 (2), p. 117-145.
- CORRÊA, A. A. M. (1919b) – *Raça e Nacionalidade*. Porto: Renascença Portuguesa.
- CORRÊA, A.A. M. (1923) – Nouvelles observations sur l'”Homo taganus, Nob.”. *Révue Anthropologique*. Paris. 33 (11/12), p. 1-9.
- CORRÊA, A. A. M. (1926) – O Homem Terciário em Portugal. *Lusitânia-revista de estudos portugueses*. Lisboa. 3 (9) (separata).
- CORRÊA, A. A. M. (1928) – Nouvelles Recherches sur l’Homme Tertiaire en Portugal. *Actas da 3ª Sessão do Instituto Internacional de Antropologia (Amsterdão, 1927)*. Paris: Nourry (separata).
- CORRÊA, A. A. M. (1933) – Les Nouvelles Fouilles à Muge (Portugal). *C. R. XV Congrès International d’Anthropologie & d’Archéologie Préhistorique (Paris, 1931)*. Paris: Nourry (separata).
- CORRÊA, A. A. M. (1934) – Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 18 (separata).
- CORRÊA, A. A. M. (1936) – A Propósito do *Homo Taganus*. Africanos em Portugal. *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém* (separata).
- CORRÊA, A. A. M. (1938) – Arqueologia e Biologia. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. 4, p. 245-261.
- CORRÊA, A. A. M. (1941) – Anthropologie et Préhistoire du Portugal. *Bulletin des Études Portugaises et de l’Institut Français au Portugal*. Coimbra. 8 (1), p. 42-58.
- CORRÊA, A. A. M. (1951a) – Avant-Propos. In ROCHE, J. *L’Industrie Préhistorique du Cabeço d’Amoreira (Muge)*. Porto: Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.
- CORRÊA, A. A. M. (1951b) – Reverendo Pe. Eugénio Jalhay, S. J. *Arqueologia e História*. Lisboa. S. VIII, 5, p. 67-82.

- CORRÊA, A. A. M. (1956) – Notice Préliminaire Sur les Squelettes Préhistoriques de Moita de Sebastião (Muge). *Crónica IV Congreso Internacional de Ciências Prehistóricas y Protohistóricas (Madrid, 1954)*. Zaragoza, p. 133-139.
- FEREMBACH, D. (1974) – *Le Gisement Mésolithique de Moita do Sebastião, Muge. Portugal. II Anthropologie*. Lisboa. Instituto de Alta Cultura.
- MONTEIRO, E. (1959) – Professor A. A. Mendes Corrêa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (vol. de Homenagem ao Prof. Doutor Mendes Corrêa). Porto. 17 (1-4), p. 5-8.
- ROCHE, J.; RIBEIRO, L. & VAULTIER, M. (1968) – L'industrie du gisement d' Evoramonte (Alentejo). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 2, p. 7-13.
- TEIXEIRA, C. (1964) – Elogio Histórico de A. A. Mendes Corrêa. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*. Lisboa. 9 p (separata).